



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Semana traz bateria de dados, com destaque para o resultado do PIB do 2T23; medidas de aumento da arrecadação seguem no foco

**Em semana movimentada, destaque para a divulgação, na sexta (1), do PIB do 2º trimestre, que deve mostrar novo crescimento da economia no período, embora modesto, estimado em 0,3% pelo consenso dos analistas.** O avanço deve ser sustentado pelo consumo das famílias, que se beneficia da resiliência do mercado de trabalho e das transferências de recursos do governo, do lado da demanda; e, pelo setor de serviços, na ótica da oferta. Apesar do crescimento, o resultado deve confirmar a desaceleração da economia na passagem do 1º (quando cresceu 1,9%) para o 2º trimestre, explicada, sobretudo, pela dissipação do choque positivo do setor agro. Este movimento de acomodação deve se estender para o 2º semestre, refletindo especialmente os efeitos defasados da política monetária, mas ainda permitindo um crescimento próximo a 2,5% no ano.

**No mercado de trabalho, a expectativa é que os números sigam em tom positivo, mantendo a percepção de resiliência no segmento.** O IBGE divulga na quinta (31), a taxa de desemprego do trimestre encerrado em julho, que deve seguir em 8,0%. Já no mercado formal, o Caged informa na quarta (30) a geração líquida de vagas em julho, cuja expectativa é de 133,0 mil vagas, abaixo do volume de empregos criados em jul/22 (+225,1 mil), mas ainda compatível com uma expressiva geração de postos de trabalho no ano, que pode superar 1,0 milhão.

**No campo fiscal, as contas públicas devem apresentar novo déficit em julho.** Enquanto as despesas seguem pressionadas pelo pagamento do 13º salário do INSS e ampliação do pagamento de auxílios, a arrecadação tem caído devido à queda dos preços das *commodities*. Assim, o mercado prevê déficits de R\$ 31,2 bi para o governo central e de R\$ 34,7 bi para o setor público consolidado no mês, números bem piores do que aqueles observados em jul/22, quando foram registrados superávits de R\$ 18,9 bi e 20,4 bi, respectivamente. Os dados serão divulgados pelo Tesouro na quarta (30), e pelo BC na quinta (31).

**Neste sentido, os agentes devem seguir acompanhando o andamento das medidas propostas pelo Ministério da Fazenda para aumentar a arrecadação e conseguir zerar o déficit de 2024.** A expectativa é que o ministério publique hoje uma Medida Provisória (MP) que cria a taxa sobre fundos exclusivos, como forma de compensar o aumento do limite de isenção na tabela do IR. Além deste, também deve ser enviada uma medida (via PL) que cria taxa sobre fundos de investimentos no exterior (*offshore*). O Plenário do Senado, por sua vez, deve apreciar nesta semana o PL que retoma o voto de qualidade no CARF.

**A semana ainda traz números do setor externo, inflação e sondagens de confiança.** A Secex divulga o resultado da balança comercial de agosto na sexta (1), que deve seguir apresentando superávits elevados, estimado em US\$ 10,8 bi para o mês, bem acima do observado em ago/22 (US\$ 4,1 bi). No campo inflacionário, a FGV divulga o IGP-M de agosto na quarta (30), que deve voltar a subir (+0,15%), após quatro meses em deflação, mas seguir em deflação em 12 meses (em -6,91%). Ao longo da semana, a Fundação também divulga as sondagens de confiança referentes ao mês de agosto.

**Em relação ao mercado de crédito, o Banco Central divulgou hoje (28) cedo os números de julho, que apontaram ligeira retração do saldo total da carteira (-0,2%), igual ao estimado na Pesquisa Especial de Crédito da Febraban.** A leitura deu continuidade à trajetória de desaceleração do ritmo de expansão anual da carteira, que passou de 9,2% para 8,2%, refletindo especialmente a política monetária contracionista. Por outro lado, a divulgação mostrou queda das taxas de juros e dos spreads pelo segundo mês consecutivo; assim como estabilidade da inadimplência, sugerindo alguma melhora no segundo semestre.

Ainda no setor bancário, o Banco Central realiza a reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) nesta quarta (30), que deve analisar em profundidade a situação do setor, embora deva manter em 0% a alíquota do Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCP), dado que o crescimento do crédito vem desacelerando e o setor se encontra bem capitalizado.



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

**No âmbito internacional, também serão conhecidos uma série de indicadores das principais economias do mundo ao longo da semana, com destaque para os dados de agosto do payroll norte-americano.** A publicação ocorrerá na próxima sexta (01) e a expectativa dos analistas consultados pela Bloomberg é que mostre geração de 168 mil vagas de emprego no mês, mantendo a tendência de desaceleração observada desde meados do ano passado. Ainda assim, a taxa de desemprego deve permanecer em 3,5%. Neste sentido, importante observar a evolução dos salários e seu impacto sobre a inflação.

**Ainda nos EUA, também serão divulgados dados de renda, gastos pessoais e confiança dos consumidores, que devem manter o cenário de resiliência da atividade, sustentado pelo mercado de trabalho aquecido.** As informações de renda e gastos pessoais de julho sairão na quinta (31) e são esperadas em 0,3% e 0,7%, respectivamente, seguindo em alta. Além disso, na terça (29) será conhecido o resultado da confiança do consumidor de agosto; e, na quarta (30), a segunda estimativa do PIB do 2T23.

**Ainda em relação à atividade, os agentes estarão atentos aos números finais de agosto dos índices PMI (manufatura e serviços) das maiores economias mundiais (EUA, Zona do Euro e China).** A expectativa é que os indicadores mostrem arrefecimento da atividade, sendo que no caso dos EUA, pode ser encarado com um alívio, que permitiria ao Fed não ter que subir mais os juros. Já na China, a depender da intensidade da queda, pode aumentar os temores quanto à fragilidade de sua economia.

**Em relação à inflação, nos EUA será conhecido o deflator de gastos pessoais (PCE) de julho, na quinta (31), índice preferido do Fed; e, na Zona do Euro, a prévia de agosto da inflação ao consumidor (CPI).** A expectativa é que o índice PCE volte a acelerar em 12 meses, passando de 3,0% para 3,3%, enquanto sua medida de núcleo (sem alimentos e combustíveis) suba de 4,1% para 4,2%, reforçando a perspectiva que o Fed deve manter a taxa de juros elevada por um bom período. De forma similar, o CPI na Zona do Euro deve subir 5,1% em 12 meses (ante 5,3%), com o núcleo se mantendo ainda mais elevado (em 5,3%).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
28-30/ago	FGV: Sondagens de Confiança	Ago/23	-	-
28/ago	BCB: Nota de Crédito	Jul/23	-0,2% m/m* 8,0% a/a*	0,1% m/m 8,9% a/a
30/ago	FGV: IGP-M	Ago/23	0,15% m/m -6,91% a/a	-0,72% m/m -7,72% a/a
30/ago	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Jul/23	R\$ -31,2 bi	R\$ -45,2 bi
30/ago	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jul/23	133,0 mil	157,2 mil
31/ago	PNAD: Taxa de Desemprego	Jul/23	8,0%	8,0%
31/ago	BCB: Estatísticas Fiscais	Jul/23	R\$ -34,7 bi	R\$ -48,9 bi
01/set	PIB	2º tri/23	0,3% t/t-1 2,7% t/t-4	1,9% t/t-1 3,4% t/t-4
01/set	Secex: Balança Comercial	Ago/23	US\$ 10,8 bi	US\$ 9,0 bi

Fonte: Bloomberg. \*Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
29/ago	EUA	Confiança do Consumidor ( <i>Conf. Board</i> )	Ago/23	116,2 pts	117,0 pts
30/ago	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Ago/23 – final	-16,0 pts	-15,1 pts
30/ago	EUA	ADP – Geração de Empregos no Setor Privado	Ago/23	198 mil	324 mil
30/ago	EUA	PIB	2º tri/23 – 2ª leitura	2,4% t/t (anualizado)	2,0% t/t (anualizado)
30/ago	EUA	Vendas de casas pendentes	Jul/23	-1,0% m/m	0,3% m/m
30/ago	China	PMI Manufatura / Serviços	Ago/23	49,1 pts / 51,0 pts	49,3 pts / 51,5 pts
31/ago	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Ago/23 – prévia	5,1% a/a	5,3% a/a
31/ago	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Jul/23	0,3% m/m 0,7% m/m	0,3% m/m 0,5% m/m
31/ago	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Jul/23	3,3% a/a	3,0% a/a
31/ago	China	PMI Caixin Manufatura	Ago/23	49,2 pts	49,2 pts
01/set	Zona do Euro	PMI Manufatura	Ago/23 – final	43,7 pts	42,7 pts
01/set	EUA	Dados do Mercado de Trabalho – Geração de Vagas /Taxa de Desemprego	Ago/23	168 mil / 3,5%	187 mil / 3,5%
01/set	EUA	PMI / ISM Manufatura	Ago/23 – final	47,0 pts / 44,0 pts	49,0 pts / 46,4 pts

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Prévia da inflação reforça expectativa de manutenção do ritmo de corte da Selic

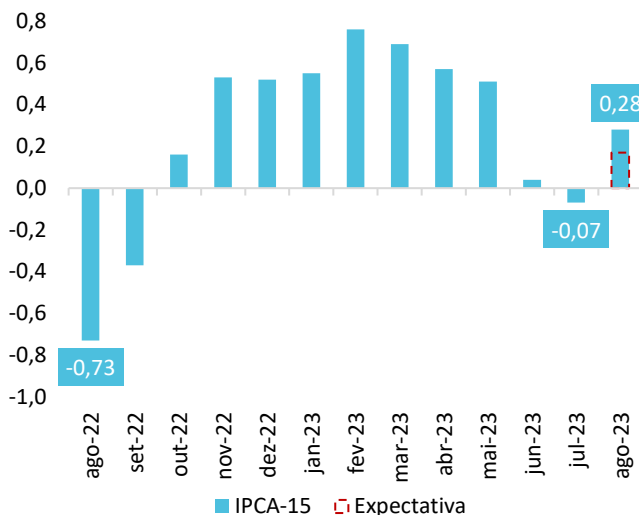
A prévia da inflação oficial de agosto, o IPCA-15, subiu 0,28% no mês, acima do esperado pelo mercado (+0,17%), pressionado pela devolução de descontos pontuais realizados no mês anterior (energia e veículos). Já os componentes mais sensíveis à política monetária (serviços) seguiram mostrando alguma melhora, ainda que de maneira contida.

No mês, o principal vetor de alta veio da energia elétrica (+4,59%), influenciada pelo fim dos descontos relacionados ao bônus de Itaipu, além de reajustes aplicados em algumas capitais. A reversão dos descontos aplicados nos preços dos veículos (programa de incentivo do governo) também exerceu impacto altista, pressionando os preços dos automóveis novos (+2,94%). Adicionalmente, a leitura mostrou alta nos preços da gasolina (+0,90%), dos itens de higiene pessoal (+1,59%) e do grupo educação (+0,71%), neste caso refletindo o reajuste sazonal de início do 2º semestre letivo. Na outra ponta, os preços dos alimentos no domicílio registraram deflação (-0,99%) pelo terceiro mês seguido, com queda disseminada no grupo (em especial em itens *in natura* e carnes), enquanto os preços das passagens aéreas (-11,36%) recuaram com o fim do período de férias, contribuindo para conter a alta do indicador.

Em 12 meses, o índice acelerou de maneira considerável, de 3,19% para 4,24%, explicado pelo efeito-base, diante da exclusão da leitura que contemplou as desonerações de combustíveis e energia. Esse efeito, por sinal, deve voltar a pressionar o indicador nos meses de agosto e setembro, levando o índice acima de 5%.

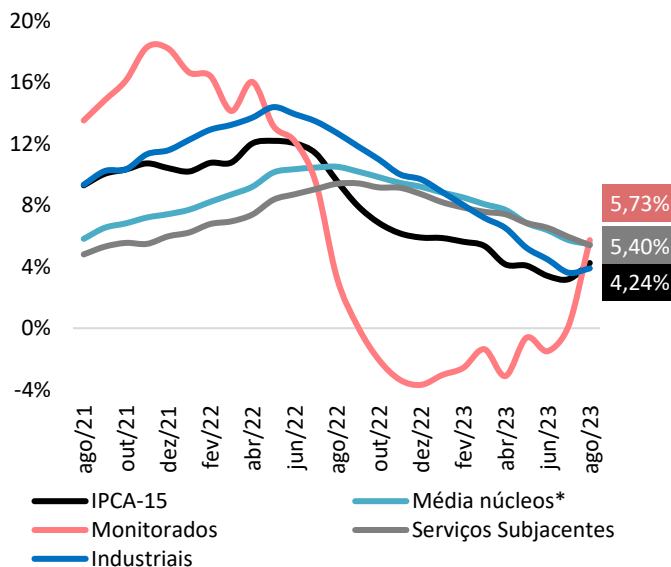
No geral, a leitura de agosto foi um pouco pior do que o esperado. Além de ter ficado acima das expectativas, também mostrou uma inflação um pouco “mais espalhada”, com o coeficiente de difusão subindo de 48,0% para 51,0%, embora seguindo abaixo da média dos últimos 3 anos (65,3%). De toda forma, a dinâmica dos núcleos (de 5,7% para 5,5%) e dos serviços subjacentes (de 5,9% para 5,4%), mais sensíveis à política monetária, seguiram em trajetória de desaceleração gradual. Assim, a acomodação relativamente lenta de tais métricas, somada à surpresa altista no mês, reforça a expectativa de que o Copom deve manter o ritmo de corte de 0,50 pp da taxa Selic em sua próxima reunião.

Quadro 1: IPCA-15 – Var.% mensal



Fonte: IBGE.

Quadro 2: IPCA-15 e Medidas Subjacentes – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. \*Núcleos selecionados

Em relação às contas públicas, a Receita Federal informou que a arrecadação federal impostos foi de R\$ 201,8 bi em julho, queda real de 4,2% ante jul/22 e um pouco abaixo do esperado (-3,9%). A queda da arrecadação reflete, principalmente, o recuo do recolhimento de impostos via IRPJ/CSLL (-14,9%) e receitas administradas por outros órgãos (-33,6%), como os royalties de petróleo. Tal movimento decorre da queda dos preços das commodities, que tem pesado sobre a lucratividade das empresas do setor, além de tributos relacionados ao segmento. Por outro lado, a arrecadação previdenciária (+4,7%) e via IRPF – Rendimentos do Trabalho (+5,3%), seguem apresentando bons números, em função do mercado de trabalho aquecido.

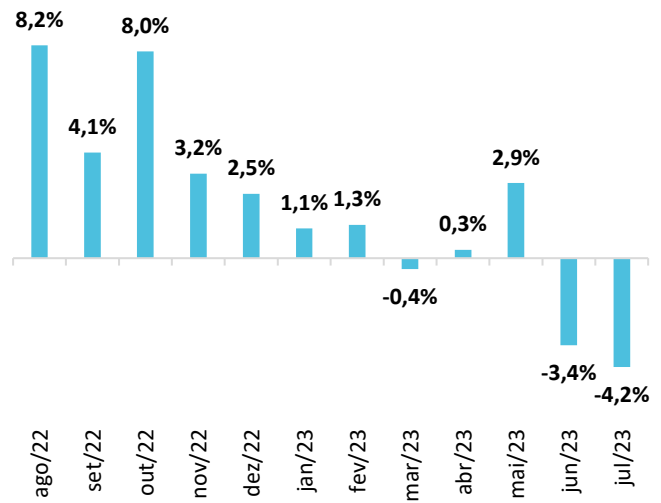
Com isso, a arrecadação de impostos registra queda real de 0,4% no acumulado do ano, refletindo o fraco desempenho das receitas administradas por outros órgãos (-23,2%). A expectativa é de que as medidas já anunciadas pelo governo (reoneração de impostos sobre combustíveis, por exemplo) e outras que ainda devem ser aprovadas (como o retorno do voto de qualidade no CARF) compensem parte da queda da arrecadação decorrente da desaceleração econômica e dos preços das commodities. Assim, a arrecadação deve ficar relativamente estável no ano, levando o governo central a registrar um déficit primário próximo a R\$ 100 bi no ano.

Sobre as contas externas, o saldo em transações correntes foi deficitário em US\$ 3,6 bi em julho, melhor do que o esperado (US\$ -3,9 bi) e do resultado de jul/22 (US\$ -5,3 bi). Com isso, em 12 meses, o déficit em conta corrente recuou de US\$ 52,7 bi para US\$ 51,1 bi (2,52% do PIB), se mantendo em nível relativamente contido e financiado pela entrada de investimento direto no país (IDP), contribuindo para manter a moeda brasileira abaixo de R\$ 5,00/US\$.

A redução do déficit em transações correntes ante o mesmo período do ano anterior refletiu o aumento do saldo comercial, que passou de US\$ 4,1 bi para 7,2 bi no mês, impulsionado pela safra agrícola recorde. Por outro lado, aumentou o déficit na balança de renda primária (de US\$ 6,6 bi para US\$ 7,7 bi), em função do aumento das remessas de lucros e com o pagamento de juros.

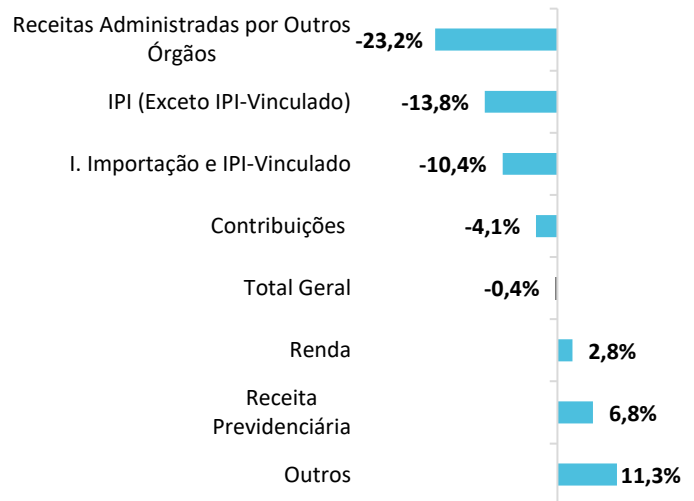
Já a entrada de IDP ficou em US\$ 4,2 bi em julho, abaixo do observado em jul/22 (US\$ 7,2 bi), reduzindo, assim, o fluxo de entrada de IDP nos últimos 12 meses, de US\$ 74,6 bi para US\$ 71,7 bi (3,54% do PIB), embora em nível ainda bem acima do déficit em conta corrente (US\$ 51,1 bi). Por fim, houve saída líquida de US\$ 0,3 bi de investimentos em carteira no mercado doméstico local no mês, mas ainda suficiente para manter o fluxo positivo em 12 meses, em US\$ 12,8 bi.

**Quadro 3: Arrecadação Federal de Impostos Var.% ante o mesmo mês do ano anterior**



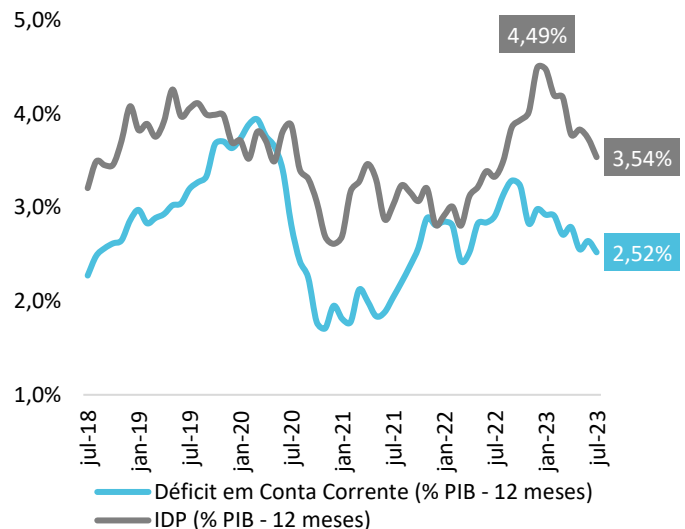
Fonte: RFB

**Quadro 4: Arrecadação Federal de Impostos Por Tipo - Var.% Acum. no Ano**



Fonte: RFB

**Quadro 5: Déficit em Conta Corrente e Entrada de IDP – Acum. em 12 meses – % do PIB**



Fonte: BCB

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Powell sinaliza que Fed está preparado para voltar a subir os juros

O principal destaque da semana foi o discurso de Jerome Powell, presidente do Fed, no Simpósio de Jackson Hole, onde sinalizou que a instituição está preparada para voltar a subir os juros, se necessário. Powell apontou que o mercado de trabalho e o consumo das famílias seguem resilientes, o que justificaria tal aumento. Além disso, apontou que o Colegiado possui a intenção de manter a política monetária em níveis restritivos até ter a confiança de que a inflação voltará para a meta de 2%. Para isso, afirmou ser necessário que a economia cresça abaixo do potencial e o mercado de trabalho enfraqueça.

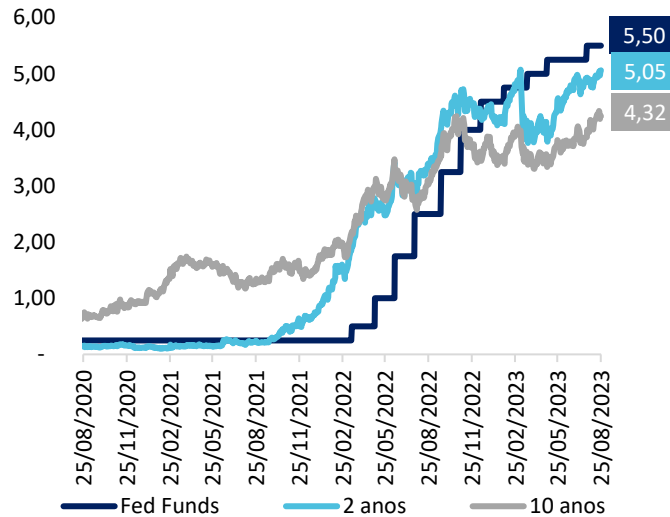
Com isso, houve uma reprecificação considerável das taxas de juros futuras nos EUA. Agora, a maioria do mercado passou a prever uma nova elevação dos juros (+0,25 pp) na reunião de novembro (dia 1). Além disso, os agentes também aumentaram suas apostas de que os juros ficarão elevados por mais tempo, com o ciclo de cortes começando apenas no fim do 1º semestre de 2024. Tal movimento contribuiu para o fortalecimento global do dólar e queda dos preços dos ativos de risco (bolsas e *commodities*) na semana.

Já os dados de atividade vieram abaixo do esperado, o que ajudou a conter a piora decorrente do discurso de Powell. A prévia de agosto do índice PMI caiu além do esperado tanto na manufatura (de 49,0 pts para 47,0 pts), como nos serviços (de 52,3 pts para 51,0 pts). Já as vendas de casas já existentes caíram 2,2% em julho (ante expectativa de -0,2%), enquanto as encomendas de bens duráveis recuaram 5,2% em julho, maior queda em mais de 3 anos.

Situação similar foi observada na Zona do Euro, onde o índice PMI também mostrou queda relevante no setor de serviços (de 50,9 pts para 48,3 pts), voltando a ficar abaixo do nível neutro de 50 pts, algo que não era observado desde dezembro de 2022. Na manufatura, o índice subiu (de 42,7 pts para 43,7 pts), mas segue em baixo nível. Ainda, a prévia de agosto da confiança dos consumidores voltou a se aprofundar em terreno negativo, passando de -15,1 pts para -16,0 pts.

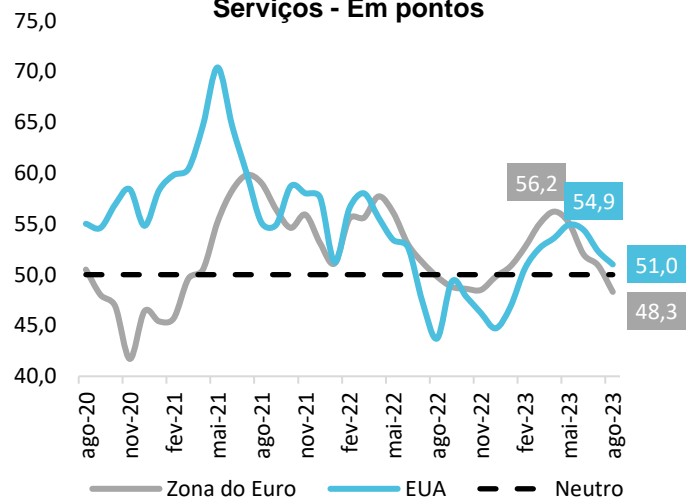
Na China, o Banco Central (PBoC) voltou a aumentar os estímulos, mas aquém do esperado e de forma relativamente tímida, em comparação com os desafios que o país enfrenta, em especial, no setor imobiliário. O PBoC reduziu a taxa prime de 1 ano de 3,55% para 3,45% aa (ante expectativa de 3,40%). Por outro lado, manteve a taxa prime de 5 anos em 4,20% aa, frustrando as expectativas de um corte para 4,05% aa. Tal panorama mantém o cenário de cautela com a economia asiática, cujas expectativas de crescimento estão em queda.

**Quadro 6: EUA – Fed Funds Rate e Taxas de Juros das Treasuries de 2 e 10 anos – Em % a.a.**



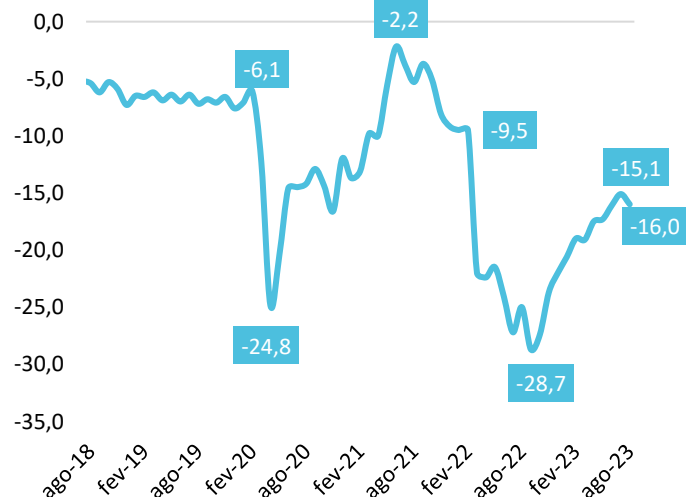
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 7: EUA e Zona do Euro – Índice PMI dos Serviços - Em pontos**



Fonte: Bloomberg.

**Quadro 8: Zona do Euro – Confiança dos Consumidores – Em pontos**



Fonte: Bloomberg.



## Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

### CRÉDITO / BANCOS

#### Carteira de crédito deve crescer 7,6% em 2023

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 19 bancos entre os dias 09 a 15 de agosto, captou ligeira queda na projeção para o crescimento da carteira total de crédito em 2023. Agora, a projeção média é de alta de 7,6% no ano (ante 7,8% na pesquisa anterior), ainda muito próxima da última projeção do BCB (de 7,7%, segundo o RTI).

A revisão foi puxada pelo menor crescimento esperado da carteira Direcionada, cuja expectativa de expansão passou de 9,7% para 9,3%, com piora na projeção tanto no crédito destinado às empresas (de 7,7% para 7,2%) como para as famílias (de 10,7% para 10,6%). Apesar da revisão baixista, vale notar que a expansão esperada para esta carteira ainda é elevada, próxima a dois dígitos, beneficiada pelo novo Plano Safra, programas públicos de crédito e alguma retomada das operações do BNDES.

Na outra ponta, houve melhora na expectativa para o desempenho do crédito livre, que subiu de 6,1% para 6,3%, impulsionado pelo crédito destinado às famílias (de 9,3% para 9,8%), beneficiado pela resiliência do mercado de trabalho e

medidas de estímulo ao consumo. Já a projeção da carteira PJ Livre caiu de 2,4% para 1,7%, refletindo os números fracos observados até o momento no segmento, impactado pelo aumento da percepção de risco e juros elevados.

Quanto à inadimplência, a expectativa para o índice da carteira Livre em 2023 subiu ligeiramente, para 4,9% (ante 4,8%). Assim, os participantes esperam estabilidade do indicador até o final do ano (segundo os últimos dados do BCB, de jun/23, a taxa ficou em 4,9%). Por outro lado, a projeção melhorou para 2024, passando de 4,6% para 4,5%, sinalizando queda com relação ao nível esperado para este ano.

Para 2024, a projeção para a expansão da carteira total foi revisada para cima, de 7,4% para 7,9%, com a alta liderada pela carteira com recursos livres (de 7,7% para 8,6%), possivelmente refletindo o cenário com juros menores no próximo ano, favorecendo a expansão do crédito.

O Quadro 9 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, comparando os resultados com o obtido na pesquisa anterior, realizada em julho.

**Quadro 9: Projeções para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)**

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2023		2024	
	Pesquisa Jul/23	Pesquisa Ago/23	Pesquisa Jul/23	Pesquisa Ago/23
<b>Carteira Total (var. % – total do SFN)</b>	7,8	7,6	7,4	7,9
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	6,1	6,3	7,7	8,6
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	2,4	1,7	6,9	7,7
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,3	9,8	8,2	8,8
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	9,7	9,3	7,2	6,9
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,7	7,2	6,6	6,9
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,7	10,6	7,4	6,9
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,8	4,9	4,6	4,5

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

\* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

## Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

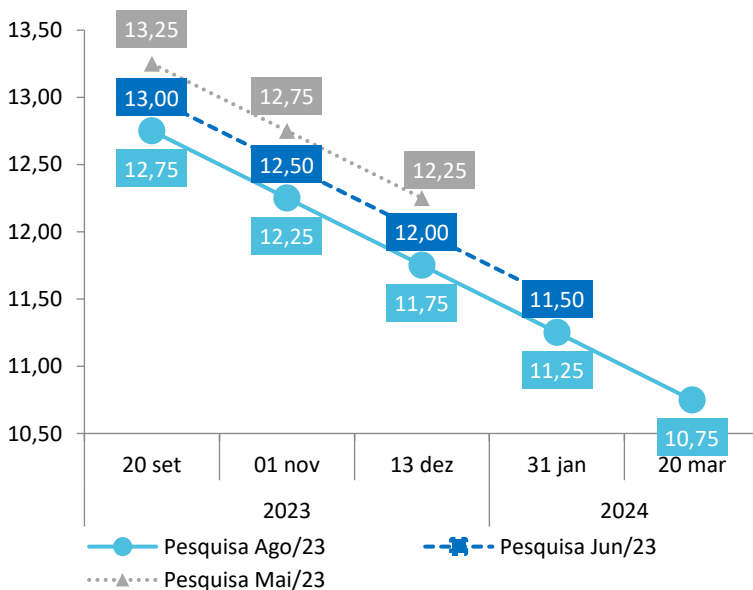
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A maioria (66,7%) dos entrevistados avaliou com ressalvas a decisão do Copom de reduzir a taxa Selic em 0,5 pp. Apesar de entenderem que o cenário permitia tal corte, o entendimento foi de que a decisão não foi compatível com as sinalizações de cautela do próprio Colegiado.
- Em relação aos próximos passos do Copom, a grande maioria (83,3%) dos participantes da Pesquisa espera cortes de 0,5 pp da Selic em todas reuniões até o final do ano, conforme sinalizado pela autoridade monetária na última Ata. Neste sentido, a expectativa (mediana) é de manutenção do ritmo de flexibilização monetária (0,5 pp) nas próximas reuniões, com a Selic encerrando o ano em 11,75% aa (e seguindo em queda até mar/24, quando chegaria a 10,75% aa).
- Dentre os pontos destacados pelo Copom como possíveis motivos para as expectativas de inflação de longo prazo ainda não estarem ancoradas na meta, a maioria dos participantes (66,7%) entende que o risco fiscal (não cumprimento das metas de resultado primário) é o mais relevante. Nesta

direção, 61,1% dos participantes seguem preocupados com as incertezas relacionadas à questão fiscal e seu possível efeito (altista) na inflação, apesar de o Copom ter retirado tal ponto do seu balanço de riscos.

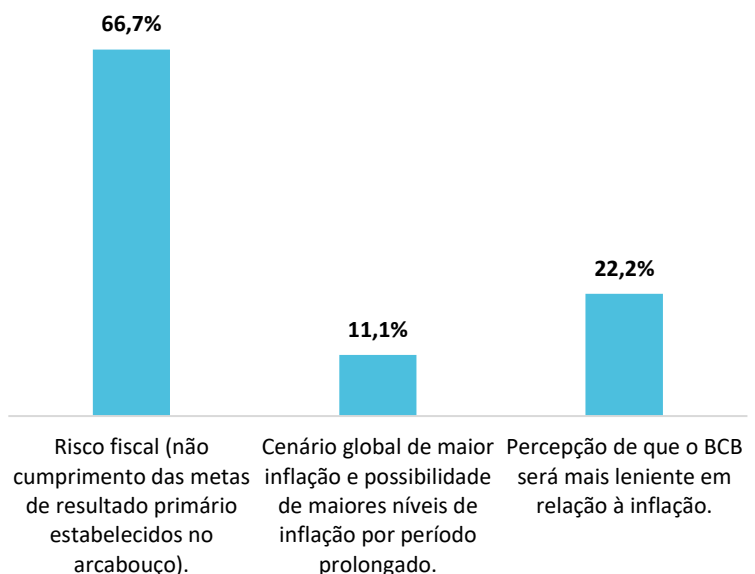
- Com relação ao cenário global (EUA e Europa), a maioria dos analistas consultados (61,1%) entende que a desaceleração da inflação deve ocorrer conforme precificado. Contudo, o viés é de alta, dado que o restante (38,9%) espera uma resiliência maior da inflação, enquanto ninguém acredita em uma desaceleração mais célere.
- Quanto à inadimplência da carteira Livre PF, a maioria dos participantes (68,8%) espera alguma estabilidade do indicador até o fim do ano, enquanto apenas 6,3% esperam que siga em alta. Aqui, vale notar uma mudança no sentimento dos analistas, dado que na pesquisa anterior, 47% ainda esperavam que o indicador continuasse subindo.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

**Quadro 10: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom**



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

**Quadro 11: Motivo para as Expectativas de Inflação de Longo Prazo não estarem ancoradas na Meta**



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária



## Regulação CMN e BCB

O Conselho Monetário Nacional (CMN) e o Banco Central divulgaram diversos normativos na última semana, com destaque para as Resoluções 5.094 do CMN e 339 do BCB, que aprimoram a regulação das duplicatas escriturais, em relação à sua emissão, registro, depósito centralizado e negociação. Em nota, o BCB aponta que os principais aprimoramentos das normas são: i) a previsão de implantação de procedimento de contestação pelas escrituradoras, que deve ser padronizado, documentado e com prazo de resposta de três dias (ii) estabelecimento de nova sistemática de liquidação das duplicatas escriturais; (iii) disciplina de aspectos gerais da cobrança de tarifas por escrituradores, sistemas de registro e depositários centrais. Com a medida, o BCB e o CMN esperam aumentar a oferta de crédito disponível às empresas e fomentar novos modelos de negócio no segmento.

Além destas, o CMN também editou uma série de outras medidas, referentes a: i) IFRS9, com alguns ajustes sobre as normas anteriormente publicadas (Resoluções CMN 4.966 e 4.975), visando uma implementação mais adequada pelos bancos; ii) crédito rural e o novo Plano Safra; iii) operações que o BNDES poderá emprestar (com recursos oriundos do FAT) com correção apenas da taxa referencial (TR); entre outros. Abaixo, seguem as respectivas resoluções:

[Resolução BCB nº 339, 24/8/2023](#) - Dispõe sobre a atividade de escrituração de duplicata escritural, sobre o sistema eletrônico de escrituração gerido por entidade autorizada a exercer essa atividade e sobre o registro, o depósito centralizado e a negociação desses títulos de crédito escriturais.

[Resolução CMN nº 5.094, 24/8/2023](#) - Altera a Resolução nº 4.815, de 4 de maio de 2020, que dispõe sobre condições e procedimentos para a realização de operações de desconto de recebíveis mercantis e de operações de crédito garantidas por esses recebíveis pelas instituições financeiras.

[Resolução CMN nº 5.095, 24/8/2023](#) - Dispõe sobre os financiamentos ao amparo de recursos do Fundo Nacional sobre Mudança do Clima (FNMC).

[Resolução CMN nº 5.096, 24/8/2023](#) - Altera o limite global anual para contratação de operações de crédito com os órgãos e entidades do setor público em 2023, a ser observado pelas instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil.

[Resolução CMN nº 5.097, 24/8/2023](#) - Define os critérios de elegibilidade para as operações de financiamento à inovação e à digitalização com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) repassados ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), mediante remuneração pela Taxa Referencial (TR).

[Resolução CMN nº 5.098, 24/8/2023](#) - Ajusta os preços de referência de produtos agrícolas, da pesca e da aquicultura.

[Resolução CMN nº 5.099, 24/8/2023](#) - Ajusta normas da Seção 6 (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf) do Capítulo 7 (Encargos Financeiros e Limites de Crédito), do Capítulo 10 (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf) e da Seção 1 (Disposições Gerais) do Capítulo 11 (Programas com Recursos do BNDES) do Manual de Crédito Rural (MCR), e dispensa temporariamente a exigência de enquadramento obrigatório no Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) para contratação de operação de crédito rural de custeio agrícola.

[Resolução CMN nº 5.100, 24/8/2023](#) - Altera a Resolução CMN nº 4.966, de 25 de novembro de 2021, que dispõe sobre os conceitos e os critérios contábeis aplicáveis a instrumentos financeiros, bem como para a designação e o reconhecimento das relações de proteção (contabilidade de hedge) pelas instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil.

[Resolução CMN nº 5.101, 24/8/2023](#) - Altera a Resolução CMN nº 4.975, de 16 de dezembro de 2021, que dispõe sobre os critérios contábeis aplicáveis às operações de arrendamento mercantil pelas instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil.

[Resolução CMN nº 5.102, 24/8/2023](#) - Ajusta normas do Manual de Crédito Rural (MCR).



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	25/8/23	18/8/23	28/7/23	Viés	25/8/23	18/8/23	28/7/23	Viés
IPCA (%)	4,90	4,90	4,84	↔	3,87	3,86	3,89	▲
PIB (% de crescimento)	2,31	2,29	2,24	▲	1,33	1,33	1,30	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	12,00	↔	9,00	9,00	9,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	4,98	4,95	4,91	▲	5,00	5,00	5,00	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	25/08/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,87	-1,93%	3,14%	-7,69%	-4,61%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	176,30	-6,99%	7,04%	-30,60%	-30,37%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,01	-0,33%	-2,09%	-4,70%	-4,78%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,98	-0,39%	-2,13%	-18,12%	-19,12%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,67	-1,05%	1,85%	-15,44%	-10,11%
Índice Ibovespa (em pontos)	115.837,20	0,37%	-5,01%	5,56%	2,03%
IFNC (setor financeiro)	11.592,48	-0,33%	-6,35%	13,06%	5,54%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	120,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	5,08	2,74%	4,13%	14,73%	50,85%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,24	-0,45%	6,99%	9,31%	39,98%
Dollar Index	104,08	0,68%	2,18%	0,54%	-4,05%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.405,71	0,82%	-3,99%	14,75%	4,92%
Índice de ações de bancos – EUA	91,38	-2,77%	-10,87%	-19,91%	-24,55%
Índice Euro Stoxx 50	4.236,25	0,55%	-5,26%	11,67%	15,29%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	109,97	0,33%	-3,46%	14,72%	38,78%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	84,48	-0,38%	-1,26%	-1,66%	-14,96%

Fonte: Bloomberg

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira